

A emoção de que Lula

precisa para crescer

O presidente da Fiesp, Mário Amato, deu um sopro vigoroso na vela enfunada que conduz o barco de Luís Inácio Lula da Silva na reta final da campanha sucessória. Ao prever que 800 mil empresários poderão deixar o país caso Lula se eleja e se empossa na Presidência da República, o líder empresarial deu a medida do pânico suscitado nas classes dirigentes pela ascensão do PT nas pesquisas de preferência de votos e estimulou a esquerda a concentrar-se na única proposta que, se adotada, poderá mudar algo de fundamental no jogo das forças econômicas e sociais. Além disso motivou uma mobilização de forças liberais para defender previamente a hipótese da vitória (e a posse) de um torneiro mecânico na chefia do governo nacional por mais heterodoxo que seja seu pensamento político.



Amato contribuiu para criar o clima adequado à evolução da candidatura de Lula. O PT demonstrou na eleição do ano passado ter condições de beneficiar-se de situações críticas, polarizando insatisfação popular e credenciando-se a parecer algo como uma luz no fim do túnel. A Fiesp deu seu alarma numa hora imprópria para os interesses dos seus filiados, esquecida do clima que propiciou em 1988 a rápida ascensão de Erundina, Olívio Dutra, Bittar e outros. A prefeita de São Paulo em um mês evoluiu de 10% para 30% enquanto Paulo Maluf descia dos 30% para uma derrota que não pressentia. E os políticos começam a refletir o temor de que tal fato se reproduza sobretudo na emergência de nova aceleração inflacionária prevista por diversos economistas.

Curiosamente o registro da evolução da candidatura de Lula desencadeou nova onda de críticas e protestos em relação aos institutos de pesquisas de opinião, apresentados pelos que perdem posição nos índices como manipuladores de dados com interesses espúrios. A tradicional veemência de Leonel Brizola, que insiste em denunciar Ibopes e Galups, junta-se agora Afif Domingos, que não vê registrado nas pesquisas o crescimento que imaginou estar tendo nas preferências eleitorais. O candidato do PL tem crescido, passando dos 2 ou 3% para 8%, mas falta ainda a esse impulso a escala adequada a situá-lo como um real beneficiário das perdas de Fernando Collor. Na verdade a queda dos números que favorecem Collor deveria estar produzindo maior evolução das candidaturas de direita do que o que vem sendo anotado pelas pesquisas.

Admitir que Collor está perdendo votos para Lula será o mesmo que referendar a hipótese de que as tendências do eleitorado não atendem a motivação ideológica ou a interesses de classe, mas procuram onde estiver o signo de uma esperança de melhoria dos padrões de vida e de governo. Isso poderia servir até mesmo para atenuar o radicalismo do PT, o qual, tomado de euforia pela perspectiva de um desempenho extraordinário, correria o risco de fazer com que o clima emocional envolva outros segmentos do tecido social, dificultando as coisas. Como se sabe, as vitórias do PT, suscitadas pelo desconforto em que foi deixado o país nos meses que as precederam, vieram nas asas de um sentimento que logo inflamou um eleitorado instável por sua própria natureza.

A emocionalização da campanha na base de advertências como a de Mário Amato poderá ser o fermento que inflamará irreversivelmente o eleitorado, estimulando-o ao desafio maior que seria transferir o poder para a única fração política que tem realmente o propósito de mudar em profundidade a vida brasileira. Os petistas estão claramente levitando com a esperança que lhes abriram as pesquisas de opinião apontando para uma possibilidade de vitória que estavam se habituando a dar como impossível. É natural que Brizola e seus correligionários, se não puderem alterar os dados da realidade, ponham a boca do mundo quando nada para denunciar as pesquisas.

O brizolismo ainda não entrou em crise e continua mobilizado para manter um quadro que lhe assegure a disputa no segundo turno. A combatividade do ex-governador e seu lastro de popularidade no Rio de Janeiro e no Rio Grande do Sul lhe garantem um desempenho que tornará extremamente difícil deslocá-lo da disputa do poder. Mas seus amigos estão abrindo o flanco ao pessimismo sobretudo quando incorrem no erro de associar Brizola e Ulysses nas lamentações pelos números que vão afetando o prestígio eleitoral de ambos. Como argumento para invalidar o trabalho dos institutos, deputados do PDT alegam que não pode ser verdade que Ulysses, com seu poderoso PMDB, tenha apenas 4% das preferências eleitorais.

O deputado Luís Henrique, aliás, sustenta que o fato de atribuírem em Santa Catarina apenas 7% ao candidato do PMDB é indício seguro da incredibilidade das pesquisas, pois naquele estado Ulysses tem sido recebido com a pompa devida a presidentes e é apoiado por metade de um eleitorado já provado em diversas campanhas. Contra ele há o grupo PDS-PFL, dividido no entanto entre sete candidatos diversos. Para o ex-ministro da Ciência e Tecnologia, não pode ser verdade que em seu estado Ulysses venha a ter tão poucos votos.

Carlos Castello Branco